DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Larissa Costa Correia
Mestranda em Educação - UEL
larissaccorreia@hotmail.com

Natália Moraes Góes
Mestranda em Educação - UEL
nataliamoraesg@gmail.com

Didática e Práticas de Ensino no Educação Superior

Resumo: As transformações sociais ocorridas nas últimas décadas têm repercutido nas diferentes esferas sociais. No Ensino Superior, os desafios frente a este novo modelo de sociedade, aligeirado e tecnológico, exige dos docentes inúmeros esforços para garantir um ensino de qualidade. O objetivo deste estudo foi mapear e compreender desafios e possibilidades da docência universitária. Foram considerados três desafios: (1) falta de fiscalização da qualidade do Ensino Superior; (2) valorização excessiva da pesquisa e desvalorização da docência; (3) necessidade de um ensino atual e motivador. Como possibilidades compreendem-se: (1) disposição de inovações tecnológicas para melhoria do trabalho docente; (2) efetivação da docência por meio de um processo coletivo e emancipatório, e (3) reflexão docente acerca de suas concepções e práticas para uma nova postura frente aos desafios emergidos. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Compreende-se que o Ensino Superior está permeado de desafios, contudo, por meio da reflexão e ação docente disposta a transformações torna-se possível garantir os primeiros passos para a proposição de melhorias.

Palavras-chave: Docência universitária. Formação docente. Ensino superior.

Introdução

O século XXI, desde seu início tem sido marcado por grandes mudanças e transformações sociais, estas, ocorridas com celeridade nas últimas décadas têm repercutido nas diversas esferas da sociedade, afetando diretamente todos os níveis de educação. Especificamente no Ensino Superior, essas transformações significam novos desafios frente ao docente e à Universidade, tendo em vista este novo modelo de sociedade, aligeirado e tecnológico.

Com base em leituras acerca da temática e estudos vivenciados e refletidos na disciplina “Docência Universitária e Formação Pedagógica: elementos para discussão e análise”, ofertada pelo programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, o objetivo do estudo configurou-se em mapear e compreender os desafios e possibilidades da docência universitária.

Para este estudo, foram considerados três desafios a serem abrangidos: (1) a falta de fiscalização da qualidade do Ensino Superior; (2) a valorização excessiva da pesquisa e desvalorização da docência; (3) a necessidade de um ensino atual, que seja motivador ao aluno. Como possibilidades, três aspectos foram apreciados: (1) disposição de inovações tecnológicas para melhoria do trabalho docente; (2) efetivação da docência por meio de um processo coletivo e emancipatório; (3) reflexões por parte dos docentes universitários sobre suas concepções e práticas para uma nova postura frente aos desafios emergidos.

A metodologia utilizada para consecução do estudo foi a pesquisa bibliográfica, pautando-se de diferentes e importantes textos que discutem a temática abordada neste estudo. A pesquisa bibliográfica, conforme Gil (1994, apud LIMA; MIOTO, 2007, p. 40) possibilita “[...] um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto”. Portanto, ao debruçar em diferentes leituras acerca de um mesmo tema, foi possível elencar informações semelhantes, traduzindo-as em uma nova organização conceitual.

Considerando esta organização, este estudo está dividido em duas seções para melhor compreensão lógica das informações empreendidas. No primeiro momento são expostos os desafios presente no campo do Ensino Superior, elencando três aspetos importantes a serem refletidos. Fazendo contraponto com os desafios elucidados, em um segundo momento são apresentadas três possibilidades a serem compreendidas para a docência universitária, dando subsídio para algumas considerações.

Alguns desafios da docência universitária

Conforme Chauí (1999) a Reforma do Estado brasileiro, tem como

objetivo a modernização e racionalização das atividades estatais. Segundo a autora "[...] o Estado pode prover tais serviços [como saúde, educação, cultura etc.], mas não executar uma política reguladora dessa prestação." (CHAUÍ, 1999, p. 1). Assim, há uma descentralização das obrigações do Estado passando ao setor privado – quando interessado – as responsabilidades de prestar serviços aos cidadãos, garantindo às empresas privadas autonomia para administrar os serviços ao seu modo.

Na medida em que essa descentralização estatal ocorre e o interesse do setor privado se faz presente, compreende-se que a educação e os outros serviços que deveriam ser prestados por órgãos públicos, acabam sendo vendidos como mercadorias, as quais cada cidadão deve pagar um determinado valor para sua aquisição. Destarte, no âmbito educacional, quando não é possível o acesso a uma faculdade pública, a "saída" que o Estado sugere e incentiva é o ingresso às faculdades particulares.

Por não ser oportuna para todos os que desejam, Soares e Cunha (2010, p. 579), afirmam que:

> [...] o aumento significativo do número de matrículas nesse nível de ensino [superior], especificamente a partir da década de 90, tem se verificado, no cenário mundial majoritariamente em instituições privadas, nem sempre em condições adequadas ao oferecimento de uma educação de qualidade.

As faculdades particulares, fruto da descentralização estatal sobre a educação, oferece um ensino mais flexível em distintos aspectos, em prol do aumento da quantidade de alunos. Contudo, a qualidade do ensino oferecido nestes cursos é colocada em xeque, por conta destas características e pela corrida exacerbada por mais alunos.

Contudo, dificilmente haverá extinção destas faculdades que apresentam baixa qualidade, pois, conforme Georgen (2006, p. 72), "[...] enquanto houver uma demanda reprimida e os alunos não tiverem alternativa, pouco se fará para melhorar a qualidade do ensino". Portanto, sabem que a procura pelas vagas sempre irá existir, na qual a qualidade não é requisito primário para a escolha de fazer um curso, mas sim a garantia de aquisição de um diploma para entrar na disputa do mercado de trabalho, tendo a clareza de que esta disputa far-se-á muito mais difícil e acirrada quando não há a presença de um diploma de ensino superior,

por isso, muitos alunos tendem a buscar em uma faculdade particular uma ponte para o mercado de trabalho. Infelizmente, em muitos casos esse entendimento é frustrado frente à realidade do sistema.

Pensando nas deficiências da formação que ocorre em universidades públicas e em universidades ou faculdades particulares, devem ser constantemente consideradas como a qualidade desses cursos é medida, ainda, a preocupação aumenta quando o olhar recai sobre a formação de futuros docentes ofertada nos cursos de licenciaturas e em alguns cursos de bacharelado que formam o futuro professor, visto a possibilidade de uma formação carente, prover um profissional ineficaz.

Conforme Vasconcellos e Oliveira (2011, p. 4) "[...] a qualidade, da docência é um fator importante que, com frequência, tem sido ignorado pela universidade". Compreende-se, portanto, que a qualidade da formação docente não é prioridade pelas universidades, estas que consideram qualidade, a quantidade da produção científica do docente e não a qualidade de seu ensino, sua metodologia, didática e postura coerente para a profissão de formador de professores. Nesta perspectiva "[...] a docência não entra na medida da produtividade e, portanto, não faz parte da qualidade universitária." (CHAUÍ, 1999, p. 2).

A docência deveria ser considerada como centro do compromisso social da universidade. Georgen (2006, p. 69) considera que "[...] a primeira e mais fundamental responsabilidade social da universidade refere-se à qualidade das atividades de investigação e de docência em qualquer área [...]", onde, por meio de um corpo docente qualificado seria melhor possível a garantia de uma boa formação aos estudantes inseridos no espaço universitário, inclusive aos futuros docentes, pois, uma formação de qualidade possibilita melhores aportes teóricos e metodológicos ao futuro profissional.

Na prática, a docência não é valorizada, perdendo seu lugar para as pesquisas, nas quais estas muitas vezes acabam sendo cobradas em excesso para manter um professor na universidade. O ensinar e o fazer docente são deixados em segundo plano dando lugar enfático à pesquisa e produtividade científica, ganhando ênfase e servindo como medida para a qualidade de um curso, bem como garantir destaque ao docente que produz. Deste modo, a formação do docente, inclusive o docente universitário são compreendidos como "[...] consequência natural da

formação do pesquisador" (SOARES; CUNHA, 2010, p. 582), ou seja, os requisitos como experiência, formação pedagógica, conhecimentos didáticos, planejamento e metodologia não parecem ser tão necessários quanto à produção de pesquisas científicas, sendo considerado um bom professor o bom pesquisador ou, em alguns casos, o bom profissional.

Aparentemente a maioria dos Programas de Pós-Graduação, campo para a formação do docente universitário, enfatizam que a formação de pesquisadores é o maior objetivo da pós-graduação (SOARES; CUNHA, 2010). Essa ênfase exacerbada ao realizar pesquisas também recai no campo dos programas de pós-graduação na área da Educação e formação de professores deixando muitas dúvidas sobre a formação que oportunizam e a compreensão de que o futuro docente universitário certamente encontrará dificuldades na realização prática de seu trabalho pela ausência de uma formação centrada no ensino de qualidade.

Veiga (2006, p. 4) reafirma quanto à formação do pesquisador nos Programas de Pós-Graduação, não considerando a formação pedagógica como exigência. Conforme a autora "[...] a formação docente para a educação fica, portanto, a cargo das iniciativas individuais e dos regimentos das instituições responsáveis pela oferta de cursos de pós-graduação". Portanto, a formação pedagógica para o futuro docente universitário, para o futuro formador de profissionais, fica a cargo dele, sem exigências, sem obrigatoriedades, considerando autônoma a decisão para uma formação pedagógica, esta que deveria ser tão relevante quanto à pesquisa.

Ambas, pesquisa e docência deveriam ser consideradas com a mesma importância, compreendendo que uma influi e respalda a outra, assim como deveria ser banido o mito sobre a dissociabilidade que muitos fazem quanto teoria e prática. Bolzan e Isaia (2010, p. 23) afirmam que "[...] a formação não é somente prática nem somente teoria, mas consiste também nos discursos assumidos e nas relações estabelecidas identificadas pelos 'jeitos de ser e fazer-se docente'". Destarte, a relação entre pesquisa e ensino deveria ser priorizada, pois as pesquisas buscam nas necessidades, carências e lacunas as investigações a serem propositadas, em meio a reflexões e, quando possível, soluções. Já o espaço de ensino mostra o lado a ser aprimorado a cada dia com base em aportes teóricos,

como as pesquisas, para que um ensino de qualidade e eficaz seja proposto, estabelecendo uma relação social nessa articulação.

Outro desafio da docência universitária é a proposição de um ensino atual que seja interessante e motivador ao aluno. Conforme Cunha (2005) os saberes do docente do ensino superior também foram atingidos pelas transformações e progressos sociais. Inúmeras questões devem fazer parte da reflexão docente visto que a sociedade atual é muito diferente da vivenciada por ele durante seus estudos. As exigências são outras, os saberes estão afetados pela inserção exacerbada das tecnologias, estas acabam competindo com o próprio processo de ensino e aprendizagem, devendo ser pensada como possibilidades para este processo atual, visto que sua estadia na sociedade é permanente.

Soares e Cunha (2010, p. 579) compreendem a imersão das tecnologias na sociedade atual como:

> [...] uma revolução dos meios de comunicação e informação, que, ao possibilitar o acesso aos conhecimentos de forma ágil e dinâmica, põe em xeque o papel de porta-voz inquestionável do saber assumido historicamente pelo professor universitário por meio dos métodos tradicionais de ensino.

A docência, fortemente entendida no passado – e ainda tendo resquícios no presente – como transmissão de conhecimentos pelo professor necessita de mudanças, não só de concepção acerca de sua função, mas também de ações práticas para que adequações sejam efetivadas. Assim, surge a necessidade do professor assumir um papel de mediador entre os conhecimentos dos alunos e suas informações científicas que dispõe, relacionando-os também com o mercado virtual. Portanto, o docente do século XXI necessita interpretações e metodologias inovadas frente à complexidade da sociedade em que está inserido, bem como as exigências dos alunos que estão presentes em um curso de ensino superior.

Para Anastasiou (2013), há uma necessidade de renovação do modelo de ensino. Segundo a autora, cada geração traz consigo capacidades diferentes, sendo auxiliares e complementares, contudo, novas. É preciso que os docentes compreendam que o aluno de hoje está acostumado a fazer diversas coisas ao mesmo tempo, não concentrando sua atenção por muito tempo ao ensino, quando este não desperta seu interesse. Deste modo, a necessidade de estratégias

metodológicas inovadas que despertem a motivação do aluno é fundamental.

É preciso trabalhar frente aos desafios impostos pela sociedade atual, preparando situações em que “[...] até entra a exposição docente, ou um vídeo, ou um texto de livro, ou um estudo de caso, ou uma experiência que o aluno traz” (ANASTASIOU, 2013, p.1-2). O processo de ensino e aprendizagem precisa ser ampliado, o aluno merece ser ouvido, pois é por meio das reflexões coletivas em sala que os interesses serão despertados e as aprendizagens edificadas. O confronto entre ideias, compreensões, erros, equívocos, tudo isso deve ser considerado. O professor neste momento perde a centralidade da sala de aula e torna-se um problematizador de conhecimentos e mediador de aprendizagens.

Torna-se necessário ao docente unir seu conhecimento adquirido por meio de sua formação acadêmica às novas estratégias metodológicas que sejam pertinentes a sua realidade, valendo-se que cada espaço, cada sala de aula terá uma realidade distinta, sendo importante para o planejamento de suas ações, primeiramente, conhecer a realidade de seus alunos, tendo a consciência que não deverá submeter seu trabalho apenas àquilo que os alunos gostariam de aprender, mas sim, oportunizar saberes relevantes que ainda não foram apreendidos, tendo como respaldo os objetivos a serem atingidos em cada período letivo.

Com base nos desafios mencionados, percebe-se que a docência universitária é um campo complexo, com muitas lacunas a serem preenchidas, muitas melhorias a serem realizadas e muitos esforços por parte dos docentes inseridos neste espaço. Não é simples ser um mediador de aprendizagens, ainda mais quando seu trabalho não é tão valorizado quanto deveria e a demanda da sociedade vigente exige diariamente planejamento, ação e reflexão das práticas pedagógicas. Contudo, os desafios impulsionam estas reflexões para o alcance de melhorias.

Olhando para outra direção: algumas possibilidades da docência universitária

Não cabe aqui destacar apenas o “lado negro” da docência universitária. É preciso olhar além, para as possibilidades elucidadas neste espaço que sustentam as esperanças daqueles que nele estão e/ou pretendem estar. Como

já mencionado anteriormente, a tecnologia permeia as relações sociais nos dias atuais, sendo sua inserção no âmbito escolar pertinente desde que planejada, portanto é preciso ultrapassar velhas práticas de ensino já não eficientes e buscar inovações.

Veiga (2006) sugere algumas ações a serem efetivadas pelos docentes para melhorias do processo educativo, sendo elas: romper como a forma conservadora de ensinar, aprender pesquisar e avaliar; reconfigurar saberes, buscar superar dicotomias entre conhecimento científico e senso comum, ciência e cultura, teoria e prática; explorar novas alternativas teórico-metodológicas em busca de possibilidades de escolha; procurar renovação da sensibilidade ao alicerçar-se na dimensão estética, no novo, no criativo, na inventividade; e atribuir a ética um significado importante a ser lembrado no espaço educacional.

Coforme a autora, essas características relacionadas à inovação necessária da prática docente são importantes para abandonar concepções e práticas que não contribuem e não são mais coerentes nos dias de hoje. A tecnologia, por exemplo, é um dos avanços que permeia a sociedade. As instituições que promovem o ensino a distância, por exemplo, tem se pautado no ensino por vídeo-aulas como ferramenta inovadora. É preciso compreender que o uso das tecnologias pode ser um importante instrumento de qualidade para o processo de ensino e aprendizagem. Entretanto a forma com que a tecnologia irá ser usada também precisa ser pensada, não surtirá mudança no processo de ensino e aprendizagem se o quadro e giz forem substituídos pelos slides do computador, sem que haja uma mudança na concepção de educação e de ensino e aprendizagem do próprio professor.

Considerada por Georgen (2006, p. 80) como tecnociência, a tecnologia atrelada à educação científica deve ser coerente com os objetivos a serem atingidos pelo professor. Segundo o autor a tecnologia deve pautar “[...] não de desenvolvimento modernizador, mas de desenvolvimento autêntico, não de tecnologia avançada, mas de tecnologia apropriada”, assim, sua relevância deve ter pertinência para que não seja apenas uma ferramenta como tantas outras disponíveis e sem função eficaz para a promoção de aprendizagens.

Quando planejado o uso das tecnologias em sala torna-se possível a garantia de mais vantagens para o processo educativo, assim, o docente no ensino

superior pode utilizar-se das tecnologias tanto para orientar suas práticas, quanto para subsidiar os estudos de seus alunos. O docente pode pautar-se das tecnologias utilizando-as em sala como um instrumento diferenciado e útil para o desempenho de diversas tarefas como: pesquisas bibliográficas, fontes virtuais diversificadas (imagem, áudio, vídeo), organização e apresentação de trabalhos, oportunizando um acesso diversificado sem deixar o conteúdo científico e necessário de lado.

No espaço da docência universitária, outra possibilidade que se abre para um trabalho de qualidade é quando o trabalho coletivo comungando de uma mesma visão se une para melhorias, assim, é importante "[...] torna possível uma formação de professores que ajude a construir saberes para uma docência emancipatória." (CUNHA, 2005, p. 90). Quando o trabalho é feito em conjunto é possível, com a ajuda do outro, refletir acerca de ações e buscarem novas alternativas quando necessário.

Para Bolzan e Isaia (2010) é importante que o conhecimento seja compartilhado de dois modos: pela aprendizagem colaborativa e pela aprendizagem docente colaborativa. Quanto à aprendizagem colaborativa, os autores compreendem esta como a relação de troca entre docentes e discentes, considerando que o professor não é o detentor do saber, mas que as aprendizagens são edificadas ao longo do processo educativo. Já a aprendizagem colaborativa docente é entendida como "[...] o processo pelo qual o professor apreende a partir de análise e da interpretação de sua própria atividade e dos demais via compartilhamento de ideias, saberes e fazeres." (BOLZAN; ISAIA, 2010, p. 18).

Tanto na troca com os alunos, quanto na partilha com os professores, o compartilhamento se faz presente e torna-se um instrumento para subsidiar a prática docente, demonstrando carências que necessitam serem superadas, bem como estratégias que podem auxiliar na prática docente como ferramenta inovadora e coerente para atingir os objetivos propostos e esperados. Assim, por meio das reflexões e busca de melhorias o trabalho docente é cada vez ampliado visando à qualidade do ensino superior.

Deste modo, outra possibilidade de avanço na prática docente é a reflexão do trabalho pedagógico. Como já discutido e compreendido como desafio, as constantes mudanças ocorridas na sociedade geram novas posturas ao docente

universitário. Contudo, melhorias de sua prática não surgirão ao acaso, pelo contrário, a necessidade de refletir e agir em prol de melhorias é o primeiro caminho para que estas sejam garantidas. Refletir e mudar, inclusive quando as ações que vigoram o dia-a-dia dos professores são frutos de anos de prática demanda aportes teóricos específicos e esforços inesgotáveis por parte do docente.

O docente precisa repensar suas concepções e práticas, buscando compreender se o que pensam e fazem estão de acordo com a realidade de sua sala de aula. Se a necessidade de mudanças surgir, é preciso que sejam amparados por teóricos para que suas novas práticas sejam embasadas por conhecimentos científicos lógicos e possíveis. Ainda, não é só o docente que precisa mudar, a universidade precisa repensar sua função.

Mesmo que mais difícil, mas não impossível, a universidade precisa reafirmar sua identidade social e de cunho científico. Contudo, sua reconfiguração começa, primeiramente, com os docentes que nela se inserem. O desempenho da universidade, segundo Georgen (2006, p. 84) deve:

> [...] além de atender aos apelos mercadológicos, deve colocar-se a questão do tipo de visão humana e social que está imbricada em seu trabalho de investigação e de docência e, com isso refletir sobre o tipo de visão social e humana que está transmitindo ou sugerindo aos seus alunos.

É importante refletir o que, por que e para quem se ensina. Assim, ao repensar suas ações o docente pode alterar práticas já não suficientes e garantir uma qualidade elevada sobre seu ensino. Coforme Vasconcellos e Oliveira (2011, p. 7), “[...] o compromisso que o docente tem com seu trabalho, seus alunos, sua instituição e com a educação é revelado por meio de suas atitudes no cotidiano de sua prática pedagógica”. Portanto, a reflexão de suas ações para a qualidade do processo de ensino e aprendizagem é trabalho constante empregado ao docente universitário.

É preciso que a universidade repense sua história e seu papel. É preciso que os docentes nela inseridos busquem superar suas práticas em vista de melhorias para este campo tão pouco discutido pelas políticas públicas e por teóricos da área educacional. A sociedade em que estamos inseridos necessita um novo fazer por parte do docente, demandando estratégias motivadoras que despertem interesse do aluno. Tratando de educação, compreende-se que os

desafios são inesgotáveis, mas ao refletir para mudar e mudar para melhor é uma possibilidade fundamental que se abre para atribuir maior qualidade ao ensino.

Considerações finais

Mudanças e transformações pontuam a sociedade do século XXI. Nas últimas décadas mudanças aceleradas desencadearam a necessidade de repensar a docência em todos os níveis. No Ensino Superior, diferentes desafios são visíveis para aqueles que nela desempenham um trabalho docente. Os desafios são diversos: qualidade ruim – estrutural e metodológica –, valorização excessiva da pesquisa e desvalorização da docência, ensino ultrapassado, entre outros.

Contudo, não são apenas as situações ruins que perpetuam e constituem o Ensino Superior. Possibilidades se abrem para aqueles que desejam melhorias e qualidade no que fazem. Algumas possibilidades foram destacadas neste estudo, sendo elas a disposição de inovações tecnológicas para melhoria do trabalho docente, a efetivação da docência por meio de um processo coletivo e emancipatório, e reflexões por parte dos docentes universitários sobre suas concepções e práticas para uma nova postura frente aos desafios emergidos.

É necessário compreender que não são apenas estes desafios e estas possibilidades que fazem parte do Ensino Superior e/ou da docência universitária. Coube neste momento destacar apenas alguns elementos a serem pensados e repensados. Sabe-se que desafios sempre existirão e, independente de quantos serão, a inércia docente nunca será a solução para superá-los. Por meio da reflexão e ação docente mobilizada a buscar mudanças para um processo de ensino e aprendizagem de qualidade é possível conceber os primeiros passos para a proposição de melhorias.

Referências bibliográficas

ANASTASIOU, L. **Pedagoga defende renovação do modelo de ensino**. Disponível em: <http://www.uel.br/prograd/?content=noticias/2013/jornada_pedagogica(1).html____link>. Acesso em: maio 2013.

BOLZAN, D. P. V.; ISAIA, S. M. A. Pedagogia universitária e aprendizagem docente: relações e novos sentidos da professoralidade. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 13-26, jan./abr. 2010.

CHAUÍ, M. **A universidade operacional**. Folha de São Paulo, 09 de maio de 1999. Caderno Mais.

CUNHA, M. I. et al. As políticas públicas e docência na universidade. In: CUNHA, M. I. (org.). **Formatos avaliativos e concepção de docência**. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 69-91.

GEORGEN, P. Universidade e compromisso social. In: RISTOFF, D; SAVEGNANI, P. **Universidade e compromisso social**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico**: a pesquisa bibliográfica. Katál, Florianópolis, v.10, spe, 2007.

SOARES, S. R.; CUNHA, M. I. Programas de pós-graduação em educação: lugar de formação da docência universitária? **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v.7, n. 14, dez. 2010, p. 577-604.

VASCONCELLOS, M. M. M.; OLIVEIRA, C. C. Docência na universidade: compromisso profissional e qualidade de ensino na graduação. Santa Maria, **Educação**, v. 36, n.2, p. 219-234, maio/ago. 2011.

VEIGA, I. P. Docência universitária na educação superior. In: RISTOFF, D.; SAVEGNANI, P. **Docência na educação superior**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006, p. 85-96.